

# A ESCRITA ENQUANTO AUTORIA, FLUXO E DEVIRES NOS CONTEXTOS E AMBIÊNCIAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Paula Gomes de Oliveira<sup>1</sup>

Andrea Versuti<sup>2</sup>

Pedro Erginaldo Gontijo<sup>3</sup>

**Resumo:** Por que se escreve? Para que se escreve? O que é a escrita? De onde vêm os pensamentos expressos na escrita? Amparados pelas construções conceituais de Deleuze, esse artigo trata-se de uma experimentação sobre a escrita e os movimentos do pensar. Faremos tal investida a partir de três platôs: autoria e produção, fluxo e devires da escrita e as ambiências e os movimentos de transmediação.

## Introdução

Por que se escreve? Para que se escreve? O que é a escrita? De onde vêm os pensamentos expressos por meio da escrita? Eis algumas questões enfrentadas por quem lida com as palavras em situação de escrita, numa interrogação constante sobre sua forma, conteúdo, potencialidades, controle e desdobramentos.

Amparados pelas construções conceituais de Deleuze e Guattari, esforçamo-nos por construir um plano de discussão sobre a escrita e o que a circunda. Queremos pensar esse esforço como fruto de um encontro com Deleuze. Segundo ele, os encontros podem ser com pessoas, mas também com movimentos, ideias, acontecimentos, entidades (DELEUZE, 1998). E, muito especialmente, Deleuze nos aponta que um encontro pode constituir-se com um devir:

Devir jamais é imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. (...) Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos.” (DELEUZE, 1998, p. 10)

O que torna a escrita uma conjugação de devires outros num devir livro ou devir texto, dentre tantas outras possibilidades. Isso significa que não se pretende fazer *como* Deleuze, mas sim fazer *com* Deleuze, fazer uso dele, ou, como ele bem diz, *roubar* seus conceitos e promover uma desterritorialização e reterritorialização destes conceitos, a fim de discutir a escrita, por meio da própria escrita e para além dela. A escrita que jorra pensamentos a partir da expressão de sua concretude, de uma forma capaz de transformá-la em devires e experimentações com palavras e sentidos.

Por conseguinte, este texto obedece a um princípio de cartografia: “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). De outro modo, escrevemos numa perspectiva de construir *platôs deleuzianos*. Isso tem implicações na própria forma como o texto vai sendo composto. Não há uma sequência necessária entre os tópicos escritos e não há uma ideia central percorrida pelo conjunto dessas partes. Cada segmento escapa nas outras partes. Existem bifurcações entre elas. O que ocorre em cada uma é a busca por um movimento de pensar a partir de um ponto

<sup>1</sup> Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0097668820244491>. E-mail: [gopaulaoliveira@gmail.com](mailto:gopaulaoliveira@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade de Brasília. de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2114435598225058>. E-mail: [andrea.versuti@gmail.com](mailto:andrea.versuti@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2496597365610298>. E-mail: [pedroegontijo@gmail.com](mailto:pedroegontijo@gmail.com).

diferente. Funcionam como rizoma. E assim, amparados pelas construções conceituais de Deleuze e Guattari exercitamos a construção de três platôs sobre a escrita.

O primeiro platô explora as relações entre o processo de autoria da produção da escrita. Partimos de uma desconfiança, anunciada por Deleuze, sobre a autoria da produção de uma escrita, pois é comum pensar e dizer que um texto tem um autor e, uma vida tem o seu “sujeito” protagonista, ao contrário, admitimos um bom nível de “inautoria” no texto e na vida. Há uma percepção que o corpo que vibra e transcreve essas palavras é habitado por um condomínio lotado ou uma feira de fim de semana transbordando as vidas ali presentes.

O segundo platô se assenta sobre a escrita enquanto fluxos constantes atravessando e produzindo novos enunciados e formas de pensar que vão se retroalimentando e mudando de posições de forma contínua. Há alterações de quadros de referências continuamente, por vezes sendo ampliados ou diminuídos, mas por vezes sendo alterados qualitativamente, tornando-se outros quadros, com sentidos e conteúdos diferentes. Há um devir da escrita que leva continuamente a lugares não visitados.

O terceiro platô trata da escrita e de suas formas-conteúdos presentes nos contextos das tecnologias digitais da informação e comunicação, quando o logos pode criar um ethos a desalojar-se, continuamente. Ou um *ethos* pode criar logos mutantes de significados. Neste exercício de escrita potente a partir da transmídiação, proporemos um desdobramento dos sentidos produzidos pelas narrativas em diferentes plataformas de mídia, a partir da coautoria e da colaboração.

### **Primeiro platô: autoria e produção**

A escrita será sempre um nós. Estaremos sempre referindo-nos como “nós” por uma questão de “experenciação” (não experimentação) do dar vez às vozes presentes, mesmo que algumas pareçam inaudíveis. Às vezes poderá parecer estranho, todavia já não conseguimos enxergar a escrita como antes, como fruto de autoria individualizada e compartilhamos a convicção de que somos muita gente, um pouco do que nos faz agir, correr, chorar, viver ou pensar.

A leitura de qualquer obra que produza afetamentos diversos, promove fluxos intensos, devires de difícil localização, são experiências em movimento. A escrita é a conjugação de devires outros num devir livro ou devir texto:

Devir jamais é imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. (...) Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos. (DELEUZE, 1998, p. 10)

Por isso se constitui mais pela inautoria de tentativa de produzir afetos que nos cause um arrebatamento novo. A escrita se constitui de uma geografia ou da cartografia de uma composição por desconhecer qualquer linha histórica que a justifique ou a explique. Numa experimentação de tempos intensivos e coexistentes, compreendemos a escrita como um caminho no qual revisitamos lugares móveis e perceber conexões existentes ou possíveis de serem efetuadas. Os afetamentos não seguem uma ordem cronológica. Diversos acontecimentos ocorreram no romper qualquer cronologia e no presenciar-se como ser produtivo, mais do que cognoscível.

### **Segundo platô: fluxos e devires**

A escrita, bonita para alguns, feia para outros, indiferente para outros, inútil para tantos, com certo charme para algum ou outro. Essa teia, tecida de fluxos e linhas, composta e

decomposta no movimento contínuo, intenso e com lentidões por vezes aparentemente descontínuas. Marcada pela singularidade de cada momento de produção fragmentada, de junções fragmentadas, de experimentação de movimentos intensos e, alguns extensos provocaram a construção em “voga” neste momento. Tal como Deleuze (1995a) apregoava:

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquímicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE, 1995, p. 11)

A orgia que acontecia em muitos encontros produzia coisas que parecem muito interessantes. Os desencontros nas falas e nos corpos, os tempos diferenciados de gozo em outros encontros produziam coisas mais formais, mais recatadas, menos ousadas. Mesmo assim, foi e é uma usina em pleno funcionamento. Produções conscientes e inconscientes. Movimentos da libido, do desejo. Produz-se lugares, movimenta-se por outros, sinaliza-se outros ainda que talvez nem existam. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. (DELEUZE, 1995, p. 11)

Estamos aos poucos buscando uma escrita com uma fruição mais leve, mas mesmo assim, mais intensa. Uma trajetória acadêmica e pessoal pouco relacionada ou com um contato menos amistoso com a literatura, com o cinema, com a poesia, constituíram algumas dificuldades em encontrar portas de entrada na escrita da tese com Deleuze.

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. (DELEUZE, 1995a, p. 32)

O efeito desses encontros “deleuzianos” produziu um sentido pragmático na construção do texto, a forma como ele foi constituindo-se e como ele ficou apresentado, diz além do seu conteúdo, diz de como foi a relação de escrita do mesmo. Diz da escrita desta experiência de fluxos e devires. Uma maior uniformidade, uma linha mestra unificadora, seria castrar a intensidade de cada cópula, de cada transa, de cada encontro. Escrita promotora de diálogo, se possível com quem o lê e diálogo com o seu processo de elaboração dessa leitura, capaz de torná-lo outro à medida que o conduz para outras paragens do pensamento, com abertura radical para outros fluxos e devires.

### **Terceiro Platô: transmidiação em ficções de fãs**

Ainda sobre as potências da escrita como diálogo aberto às experiências, consideramos que transmidiar é desdobrar e recompor sentidos. É produzir, em coautoria e colaboração, conteúdos narrativos transmutados de um lugar para outro, de uma mídia para outra. É ir além da superfície das narrativas transmídia originais produzidas pela indústria do entretenimento e em um mergulho estético e criativo, acender linhas de fuga, novos caminhos a serem percorridos pelos corpos, em um contínuo refazimento de percurso. Percurso que pode ser inesperado, inusitado, disruptivo ou até mesmo encapsulado. É subverter a ordem discursiva previamente definida e inscrever outras vozes e escutas.

Ao propormos a transmídiação como um terceiro platô, consideramos que os propósitos das narrativas transmidiadas por fãs (fanfics), vão além da mera reprodução de conteúdos. Este exercício de recontar a estória de outro autor, a partir de seus próprios desejos em um diálogo constante com outros autores, provoca o processo criativo de escrita e convoca um novo, compreendido aqui como um certo tipo resistência. As transposições manifestam um desejo de potência e de diferenciação e assim, podem ser consideradas como transcrições, por meio das quais, as *fanfics* adquirem elementos dissonantes do pensamento homogeneizador.

Na realidade, enquanto se inscreve a diferença no conceito em geral, não se tem nenhuma Idéia singular da diferença, permanecendo-se apenas no elemento de uma diferença já mediatizada pela representação. Encontramo-nos, pois, diante de duas questões: qual é o conceito da diferença – que não se reduz à simples diferença conceitual, mas que exige uma Idéia própria, como uma singularidade na Idéia? Qual é, por outro lado, a essência da repetição – que não se reduz a uma diferença sem conceito, que não se confunde com o caráter aparente dos objetos representados sob um mesmo conceito, mas que, por sua vez, dá testemunho da singularidade como potência da Idéia? O encontro das duas noções, diferença e repetição, não pode ser suposto desde o início, mas deve aparecer graças a interferências e cruzamentos entre estas duas linhas concernentes, uma, à essência da repetição, a outra à idéia de diferença.” (DELEUZE, 1988, p. 61).

Muitas vezes compreendidas apenas enquanto estratégia de propagação ou de expansão para que uma estória alcance outros públicos em um movimento claro de atender à interesses maquínicos, vislumbramos nas *fanfics*, um outro aspecto constitutivo, uma proximidade inventiva mais próxima das táticas (CERTEAU, 1994) que driblam significados e fazeres convencionais e produzem outras práticas, que assim modificadas são capazes de propiciar encontros diversos e a partir destes, constituir novos sentidos que se desdobram.

Pensar sobre estes encontros de escrita (COM) possíveis (DELEUZE, 2011) possibilitados por processos de fruição narrativa coletiva e colaborativa presentes nas ficções produzidas por fãs, corrobora, em certa medida, para o entendimento de que as categorias distância e proximidade, quando mediadas pelas tecnologias da informação e da comunicação no âmbito da cibercultura, promovem e potencializam formas contemporâneas de construção do sentido, que podem ocorrer a partir de outras lógicas que não somente as da repetição.

Isto porque a noção de agenciamento para Deleuze e Guattari (1998) sugere certa insegurança sobre a possibilidade de descrever o funcionamento dos microdispositivos em termos de poder e resistência. Por ser nômade e molecular, a resistência não pode deixar de captar uma potência que é da ordem da criação e do movimento. Importante dizer que essas linhas de fugas não são revolucionárias por si, mas são justamente estas que os dispositivos de poder tentarão apreender, em um movimento de reterritorialização. A transmídiação visibiliza escritas diferenciadas, motivadas por desejos, por novas configurações de cocriação colaborativa que se fazem nas fissuras, nos desdobramentos, na transmutação de conteúdos pelos movimentos dos corpos em diferentes tempos e espaços (virtuais e/ou atuais).

Em nosso exercício de escrita colaborativa, este texto se apresenta como colcha costurada com retalhos recolhidos e juntados em pequenas composições, em vidas e processos, feitas em tonalidades diversas, em regiões distintas, experimentando intensidades diferentes a respeito dos aspectos intangível e inexprimível da escrita, seja esta individual ou coletiva. Quiçá nosso desejo deva ser ainda mais expandido, modificado continuamente pelo intenso movimento vital da escrita, do pensar, do viver, do experienciar. Estes primeiros platôs configuram-se como as nossas primeiras tentativas de aproximação com as nuances e desafios presentes no campo da

escrita. Nosso objetivo foi o de tensionar os processos criativos em alguns de seus afetos e elementos constitutivos, vislumbrando novas potencialidades e desafios.

### **Referências**

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995a. v. 1

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995b. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1998. v. 3.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.